



Espaços cívicos em meio à polarização na América Latina e no Caribe

De Joaquin Chacin

Fórum de Cúcuta | Outubro de 2022

Traduzido da versão original em espanhol para o português.

Este documento apresenta as discussões e temas abordados durante a 9ª Oficina de Respostas Regionais às Crises na América Latina e no Caribe, realizada durante o Fórum da Sociedade Civil da América Latina e do Caribe para a Prevenção de Atrocidades em Massa (Fórum de Cúcuta).

Democracias polarizadas.

A região do América Latina e do Caribe experimentou intensas mudanças nos últimos anos que levaram ao surgimento de posições antagônicas na sociedade. Desde a crise causada pela experiência da pandemia da COVID-19, que acelerou os processos de fragmentação social, desigualdade e redução dos níveis educacionais, ao reposicionamento dos países da região à nova ordem mundial em um cenário internacional condicionado pela incidência de atores extrarregionais como Rússia e China. No âmbito político, a crise de representação dos partidos políticos tradicionais, canalizadores da deliberação e portadores da moderação, levou ao surgimento de movimentos populistas com discursos e práticas autoritárias que alcançaram apoio eleitoral e têm sido catalisadores de insatisfação e desconfiança, direcionando a região para posições bipolares que se confrontam no debate político.

Nesse contexto, a crescente polarização que a região vivencia é um fator de preocupação para os riscos da democracia e, mais especificamente, para a redução dos espaços cívicos. O termo *polarização* refere-se à reafirmação das próprias crenças e ideias, sem permitir diferenças ou modificação nos argumentos, promovendo a redução, fechamento ou censura de muitos espaços de diálogo e compreensão. Muitos governos e seus respectivos aliados conseguiram tirar proveito dessa situação, conduzindo posições radicais em busca de benefício político e coesão entre seus membros.

Os canais de polarização têm sido, principalmente, as redes sociais como espaços de ativismo que os governos buscam controlar. As discussões são condicionadas pela comunicação digital e, muitas vezes, as realidades são distorcidas em busca da construção de histórias que dão segurança e confiança aos integrantes de determinado bloco, tanto no nível afetivo quanto de identidade, excluindo qualquer evidência externa que coloque suas respectivas crenças em questão, algo que tem sido referido como “bunkers epistêmicos”.¹ Dessa forma, a polarização causa



um impacto negativo na qualidade dos espaços cívicos, gerando conflito e tensão em torno das liberdades e mecanismos de controle dos cidadãos e participação de atores sociais. Entre os riscos está a intensificação de diversas posições e ideias que dividem [indivíduos] em polos excludentes e afastam tópicos de interesse público do debate e da disposição de chegar a acordos por meio da deliberação.

O que está acontecendo na América Latina e no Caribe?

A divisão latente entre “esquerda” e “direita” na região nas últimas duas décadas gerou adesões automáticas que têm efeitos perversos na sociedade civil e na busca de consenso para resolver os grandes problemas sociais que enfrentamos atualmente. Os vieses ideológicos e o discurso político extremista condicionam e hegemonomizam o espaço cívico, desmobilizando ou mitigando a capacidade de participação sustentada dos cidadãos e das organizações civis na construção de uma agenda pública comum.

A intensa polarização aprofunda as fraturas sociais e enfraquece a qualidade das democracias: “Em um contexto de extrema polarização, as pessoas sentem-se distanciadas do ‘outro’ bloco e desconfiam desse bloco. Os indivíduos se sentem leais e confiantes a respeito do seu próprio bloco, sem analisar os próprios vieses ou a base das informações”.² Isso também influencia a continuidade da mobilização social, ficando difícil estabelecer pontes de solidariedade em direção a situações de injustiça e marginalização. A brevidade dos protestos e resistências sociais somada à incapacidade das elites governantes de canalizar as demandas sociais nas políticas públicas geram situações de frustração e desconfiança que são exploradas por posições extremas que ganham terreno em detrimento de um centro mais moderado e com capacidade de firmar compromissos. A influência desse fenômeno está aumentando, conforme observado em muitos dos plebiscitos nacionais dos últimos anos.

Por esse motivo, tensões e conflitos ocorrem em torno de circuitos de “fake news” (notícias falsas) e desinformação que tentam configurar a realidade com base no que os blocos opositores dizem e acreditam e que, muitas vezes, buscam objetivos de controle de instituições democráticas por meio da retórica do ressentimento e da exclusão daqueles que são identificados como uma “ameaça”. Dessa forma, as práticas autoritárias são legitimadas no interesse da defesa da “nação” ou do “povo” sob uma lógica maniqueísta que vê, nos adversários políticos, inimigos a serem derrotados, criando dois lados irreconciliáveis em um ambiente em que a desconfiança, o preconceito e os inimigos entre um “nós” e “eles” aumentam.

Segundo um estudo recente, o nível de polarização na Ibero-América cresceu 39% nos últimos 5 anos, sendo a liberdade de expressão e os direitos humanos os campos de maior polarização, ficando atrás apenas do aborto.³ Dois casos corroboram a problemática em nossa região: tanto no Brasil quanto no México, a polarização aumentou em torno da liberdade de expressão

como tema principal da discussão. Nesse sentido, não é por acaso que há um aumento nos casos de violência contra defensores dos direitos humanos, jornalistas e lideranças indígenas em um contexto marcado pela crise ambiental e pelo crescimento das economias ilícitas.

Isso destaca o grande problema que a polarização da mídia significa para a região e a importância dos discursos e narrativas políticas nas democracias digitais de hoje. Portanto, um dos fatores de redução do espaço cívico é quando se questiona o papel desempenhado pela mídia e pelos jornalistas. Aumentaram as ameaças e os ataques à imprensa e há um déficit de políticas de proteção às pessoas que defendem os direitos humanos e a natureza. O caso da liberdade de expressão é certamente preocupante; de acordo com o Repórteres sem Fronteiras, a América Latina é a região mais perigosa do mundo para jornalistas, onde cerca de metade dos assassinatos (47,4%) ocorreram em solo latino-americano neste ano.⁴ E, ao exporem as mentiras que sustentam os governos, os jornalistas se tornam mais perigosos aos olhos dos que estão no poder. Acrescentemos a isso a legitimidade adquirida pelos poderes de fato na governança regional e o uso recorrente da violência como instrumento de controle social.

Tudo isso configura um horizonte pouco promissor na construção da democracia e na participação das organizações da sociedade civil em assuntos públicos. Algumas questões que ainda merecem ser respondidas considerando o contexto da região são:

1. Como lidar com discursos que alimentam narrativas perigosas e excludentes?
2. Que papel os espaços cívicos desempenham em combater a desinformação e os ataques a populações vulneráveis?
3. Como abordar internacionalmente as contradições que surgem entre sociedades abertas e outras nas quais os governos autoritários controlam o espaço público digital?

As respostas são complexas, mas a sociedade civil clama por soluções e pela recuperação da capacidade de se comunicar e relatar com segurança e confiabilidade como parte de espaços cívicos inclusivos e resilientes.

Recomendações da sociedade civil em contextos altamente polarizados

Da parte da Sociedade Civil Latino-americana e do Caribe, buscamos evitar mais divisão e desconfiança em nossas sociedades. Isso pode ser feito por meio do apoio e da promoção de narrativas que tenham a capacidade de negar e neutralizar os efeitos perversos da desinformação e de boatos infundados. A ascensão de comportamentos autoritários e intolerantes na sociedade e na política pode ser desarmada por meio de mensagens positivas e democráticas que reivindiquem a verdade como um fator de mobilização social.



Além disso, a sociedade civil pode explorar novos formatos de mídia para convocar a solidariedade frente ao fechamento e censura dos espaços cívicos nos países da região. Compreender a lógica da polarização e estabelecer estratégias de resposta em relação à comunicação e divulgação de informações com uma perspectiva ampla dos interesses coletivos e do bem-estar da sociedade pode ajudar a prevenir a polarização. Acreditamos especialmente no potencial das áreas locais para a gestão da verdade como um bem comum. Nesse sentido, consideramos ser importante entender os espaços cívicos como “cooperativas pela verdade”, onde o diálogo e a negociação são impostos diante da violência e da censura como ferramentas políticas.

Por fim, destacamos a importância de assegurar o pleno exercício dos direitos em um contexto de paz e segurança, em que os espaços de pensamento crítico e o protagonismo da cidadania sejam promotores de políticas públicas democráticas e inclusivas. Isso também pode envolver colaborações multidisciplinares que favoreçam a comunicação e a divulgação de iniciativas jornalísticas cidadãs para capacitar atores sociais marginalizados e fortalecer sua respectiva capacidade de exercer seus direitos políticos. As barreiras ideológicas e as lacunas territoriais da desigualdade podem ser superadas incentivando a troca de experiências e narrativas de apoio à promoção de uma agenda de direitos e liberdades para todos.

Referências

- Furman, Katherine. “Epistemic Bunkers.” *Social Epistemology* 37, no. 2 (Sept. 26, 2022): 197-207.
- Llorente y Cuenca LLYC +Democracia Democracy. *The Hidden Drug: A Study on the Addictive Power of Polarizing Public Debate*. 2022.
- McCoy, Jennifer. *La polarización perjudica a la democracia y la sociedad* [Polarization harms democracy and society]. International Catalan Institute for Peace. Government of Catalonia, 2022.
- Reporters Without Borders. *Annual Report 2022*. 2022. Accessed December 10, 2022. <https://www.rsf-es.org/informes-balance-anual-2022-nuevo-record-de-periodistasencarcelados-en-el-mundo/>.

Notas finais

- 1 Katherine Furman, “Epistemic Bunkers,” *Social Epistemology* 37, no. 2 (Sept. 26, 2022): 197-207.
- 2 Jennifer McCoy, *La polarización perjudica a la democracia y la sociedad* [Polarization harms democracy and society], International Catalan Institute for Peace, Government of Catalonia, 2022.
- 3 Llorente y Cuenca LLYC +Democracia, *The Hidden Drug: A Study on the Addictive Power of Polarizing Public Debate*, 2022.
- 4 Reporters Without Borders, *Annual Report 2022*, 2022, accessed December 10, 2022, <https://www.rsf-es.org/informes-balance-anual-2022-nuevo-record-de-periodistas-encarcelados-en-el-mundo/>.



Sobre Nós

O Stanley Center for Peace and Security forma parcerias com pessoas, organizações e a comunidade global em geral para promover o progresso através de políticas em três áreas: mitigar as mudanças climáticas, evitar o uso de armas nucleares e conter a violência e as atrocidades em massa. O centro foi criado em 1956, e mantém sua independência enquanto desenvolve fóruns para perspectivas e ideias diversas. Para saber mais sobre nossas publicações recentes e eventos futuros, acesse stanleycenter.org.



CRIES

La Coordinadora Regional de Investigaciones Económicas y Sociales (CRIES) é uma rede de centros de pesquisa e organizações não governamentais que atua como um laboratório de ideias regional, promovendo análises, debates e a criação de políticas sobre temas de relevância regional, hemisférica e global, do ponto de vista da sociedade civil. A CRIES é uma instituição independente e sem fins lucrativos que promove o pluralismo e a participação dos cidadãos. Ela não é afiliada a nenhuma organização política ou religiosa. Para mais informações sobre suas atividades e publicações virtuais, acesse www.cries.org.



GPPAC

A Parceria Global para a Prevenção de Conflitos Armados (GPPAC) é uma rede global liderada por promotores da paz que buscam um mundo onde a violência e os conflitos armados sejam evitados e resolvidos de formas pacíficas, com base em justiça, igualdade de gênero, desenvolvimento sustentável e segurança humana para todos. Nós fazemos isso conectando a sociedade civil a agentes e instituições locais, nacionais, regionais e internacionais relevantes para contribuímos coletivamente para uma transformação fundamental na maneira de lidar com a violência e os conflitos armados: uma mudança de reação para prevenção.

